

DANÇAR NO CURRÍCULO CULTURAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: TEMOS O QUE PERGUNTAR?

Adriana de Faria Gehres – Universidade de Pernambuco

Felipe Nunes Quaresma – E. E. Norberto Alves Rodrigues e

EMEF Marly Ferraz Torres Bonfim

- Eu comecei ouvindo rap com xs alunxs, vimos trabalhos de dança (...), fui fazendo e no final nem sei se o que a gente estava fazendo era dança. A partir desta afirmação de um dos membros do Grupo de Pesquisa em Educação Física, da Faculdade de Educação, da Universidade de São Paulo (GPEF), em um dos encontros quinzenais do grupo, iniciou-se a elaboração desta proposta. Na sequência, identificamos, em 113 relatos de experiência divulgados no site do GPEF, 15 relatos de dança (2 de samba; 2 de maracatu; 2 de frevo; 2 funk; 1 de dança eletrônica; 1 de balé, 2 de sertanejo, 1 de rap, 1 de hip hop e 1 de danças do Brasil); fizemos observação de aulas de um dos membros do GPEF e, a seguinte troca de mensagens com outro de seus membros: - Estamos começando a tematizar dança com turmas do fund I. - Que ótimo! Fund 1? Que escola? Fizemos na semana passada um mapeamento (...) - dança é chata e a bola é legal - dançar é o passinho dos maloka - dançar é mexer o corpo - dançar é se divertir; dançar é mexer a bunda/cabeça/pés/ombro (...) - dançar é mexer o pinto/braços/tetas - dançar é mexer o corpo no ritmo da música (...) Lugar da dança: palco, baile funk, lá na 17, em casa. Música: funk/sertanejo/hip-hop - ninguém dança porque são de Deus. (...) - Corpo feminino, corpo música (as aparelhagens que eles colocam, as notas musicais), corpo partes, corpo igreja, corpo maluco (masculino), corpo sertanejo, corpo hip hop, corpo passinho - Como intensificá-los sem representá-los? (...) Repetir, exaurir, esgotar (fisicamente, visualmente), esvaziar, encher, esborrar - Tem muitos corpos. (...) - Mas a cada repetição se produz um novo significado, não? (...) Quando se esvazia de sentidos, outros aparecem, cada repetição é diferente, sim (...) Esta ideia de esvaziamento está me martelando - Não consigo pensar nessa possibilidade, uma vez que estamos imersos num processo de ressignificação constante - Mas a gente não ressignifica somando ou colando ... E a conversa continuou e ... continua ...

Do comentário motivador da proposta ficamos com as seguintes questões: o que é dança? O que é dançar? Estas são questões para a Educação Física, culturalmente orientada? Com os relatos identificados, perguntamo-nos: o quanto se dança no currículo cultural em Educação Física? O que ou quem dança neste currículo cultural em Educação Física? A observação das aulas motivaram-nos a perguntar: Dança ou dançar? Mapeamento ou mapear? Que efeitos há em deslocar-se daqui para lá ou de lá para cá? E por fim, da troca de mensagens: Representar? Significar? Intensificar?

Esvaziar? Esta proposta de “grupo de discussão” tem por objetivo produzir questões acerca da dança nas aulas de Educação Física culturalmente orientadas, a partir das suas práticas e das práticas dos próprios participantes do Grupo de Discussão. Para tanto, propomos a criação de diferentes formas de gerar perguntas (visualmente, corporalmente, verbalmente ...) e outras perguntas. Discutir: verbo transitivo direto “analisar questionando; levantar questões a respeito de (algo); examinar detalhadamente”. Discutir: verbo transitivo direto, intransitivo, transitivo indireto “defender pontos de vista contrários sobre (algo); debater.”

Dirijo-me para a cantina da Faculdade de Educação da USP¹, estou ansiosa. Marquei com o Felipe de escrevermos o texto referente ao grupo de discussão que propomos para o SEMEF². É a segunda³ colaboração mais sistemática com um membro do GPEF⁴, mas desta vez estaremos nos debruçando mais diretamente sobre a prática pedagógica desenvolvida a partir do currículo cultural. Cheguei um pouco cedo e terei tempo de tomar um chá. Contudo, quando já estou perto, vejo que o Felipe já se encontra sentado em uma das cadeiras de plástico branca no meio do gramado em torno de uma mesa também branca e, de plástico. É final de junho, o clima está frio, mas o sol encontra-se radiante e o céu, azul e sem nuvens. Mas o Felipe não está sozinho, encontra-se numa conversa animada com o Mário⁵. Ambos encostados às suas cadeiras, trocam palavras e risos. Aproximo-me e falo com ambos. Curvo-me e beijo a face do Felipe e falo com o Mário do local onde estou de pé. Felipe: Então Dri, como combinamos, convidei o Mário para a nossa escrita/conversa, mas antes ele tem um encontro com o Marcos⁶.

O “véio” agora está importante, vou conversar rapidamente com ele e depois volto, informa o Mário. Marcamos às 14h, certo? Felipe flexiona a cabeça afirmativamente. Vou pegar o chá para depois conversarmos, afirmo dirigindo-me para a cantina. Na volta sento-me ao lado do Felipe.

Adriana: Então Fê, como lhe disse, tive esta ideia de escrevermos um texto em forma de diálogo com as nossas questões e convidando algumas pessoas para dialogarem conosco. Lembro-me de ter lido algo semelhante na tese de doutorado de um amigo. Ele trabalhou com escrita performativa e foi bem interessante.

Felipe: Vamos sim Dri, O Mário vai chegar às 14h, até lá temos algum tempo para irmos colocando as nossas questões.

Adriana: Ok, fala-me um pouco de como foram lá as tuas aulas de hip hop, quando você desenvolveu a dança e podemos também nos lembrar das conversas que tivemos durante aquele período.

1 Universidade de São Paulo

2 Seminário de Metodologia de Ensino de Educação Física

3 A primeira foi a elaboração do projeto de pós-doutorado com o professor Marcos Garcia Neira

4 Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar

5 Mário Luiz Ferrari Nunes, coordenador do GPEF

6 Marcos Garcia Neira, coordenador do GPEF

Felipe: Bom, deixa eu me lembrar!

Neste momento o Felipe ajusta os óculos e começa a falar:

Felipe: Eu comecei ouvindo com eles uma música do Emicida⁷ e aí focamos nas letras das músicas, que falava de muita violência que era semelhante a que eles viam nos seus bairros. Trouxemos alguns vídeos de dança e percebemos que a música que eles dançavam não eram os raps que nós ouvimos nas primeiras aulas. Aí fizemos uma vivências para experimentar os movimentos. Eu até tentei e fiquei todo quebrado. Depois conversamos e você me indicou os vídeos do Bruno Beltrão⁸ e eu levei para a aula. Ficaram todos dizendo, assim é muito fácil dançar, é só correr para trás. Alguns diziam que não era hip hop aquilo. Levei lá um rapper e um b boy e eles conversaram conosco, cantaram e dançaram. Nós seguimos entre o Bruno Beltrão, gestualidades e os raps e no final, sinceramente nem sei o que fizemos, nem sei se era dança ...

Adriana: Muito bom!!! Pois é, como sabemos se o que está acontecendo é dança, dançar, significar? Será que estas questões importam para o currículo cultural? O que importa para o currículo cultural, Fê?

Felipe: Para mim, o que importa para o currículo cultural é inventar questões com os estudantes, é isso que gosto de fazer. Para onde vai, nunca sabemos. Apenas vamos

O Mário e o Marcos, numa conversa animada, vêm em nossa direção. O Marcos aperta a mão do Felipe e beija-me como cumprimento.

Adriana: Que bom que vocês chegaram. Estava agora mesmo perguntando ao Felipe o que importa para o currículo cultural. Ele disse que, para ele, importa inventar questões com os estudantes. E eu, que não sou professora da educação básica, mas trabalho na formação de professorxs e sempre a partir da dança, fico pensando o que seria inventar questões com a dança no currículo cultural. Seria tematizar uma dança, o dançar e as significações da dança/dançar? Seriam os marcadores sociais do dançar aquela dança?

Adriana: Li os quinze relatos de experiência sobre dança que estão no site do GPEF⁹ e mantenho a pergunta ... Pois nos relatos observei: tipologias de dança como danças sociais, danças folclóricas; elementos das danças sempre muito relacionados com as formas mais explícitas de representação das mesmas (movimentos que as caracterizam, música, instrumentos, roupas, etc.); a tematização pela ausência da mesma nas aulas daquela escola; a problematização de questões de gênero. A produção de conhecimento desenvolve-se em torno da criação de coreografias pelxs estudantes ?

Marcos: Ah Adrianaaaa, temos os princípios ético-políticos¹⁰, compreendidos como dispositivos¹¹, e

⁷ Rapper, cantor e compositor brasileiro

⁸ Diretor de dança e coreógrafo do Grupo de Rua de Niterói

⁹ www.gpef.fe.usp.br

¹⁰“Operando como dispositivos no sentido foucaultiano, esses princípios conduzem as ações docentes levando-os a definir a prática corporal que será tematizada e as atividades de ensino necessárias (NEIRA, 2018, p. 43)

as ações didáticas. Nos relatos o que importa, não é um, dois, três ou quatro desses elementos, mas eles todos vistos em ação e como intervenção. Queremos tensionar correlações de forças e fazer emergir outras vozes como conhecimento. Há que se promover a interação e interdependência entre os saberes de todos os tipos (hegemônicos, contra-hegemônicos, legitimados, marginalizados) para que o conhecimento seja compreendido como intervenção e não como representação.¹²

Adriana: Mas como fazemos isto tematizando o balé ou o funk? Vídeos, textos, histórias, gestualidades, depoimentos? É isso? Esses são os procedimentos de ensino e os princípios são os dispositivos? Fico as vezes confusa. Os princípios respondem à questão sobre o porquê no currículo cultural ou sobre o como no currículo cultural?

Felipe: O porquê e o quê não me interessam de jeito nenhum, estou interessado sempre no quem e no como. Como perguntar, como perceber, como afirmar, como negar

Adriana: Você está se referindo aos procedimentos didáticos? Mapeamento, problematização, tematização, ampliação, registro, avaliação? São eles os mediadores do como e do quem?

Marcos: Pois é Adriana, outro dia você me falou um pouco sobre isto, mas ainda não parei para refletir. Tomamos isto como procedimentos de ensino. Apesar de responsabilidades e atribuições distintas, na perspectiva cultural, docente e discentes assumem a autoria curricular. Enquanto o primeiro seleciona o tema de estudo, organiza as atividades de ensino, conduz o processo e interpela os estudantes, estes, em posse de certas representações, negociam com os conhecimentos veiculados conferindo-lhes novos significados.¹³ Mas, com certeza são movimentos ... a ideia é manter a aula como uma experiência, como falou o Pedro¹⁴, que acontece naquele momento. Os princípios e as ações didáticas deveriam agenciar¹⁵ isto ...

Adriana: Mapear, problematizar, tematizar, ampliar, registrar, avaliar poderiam dar mais conta desses sentidos de experiência e acontecimento? Outro dia vendo uma aula do Ronaldo, fiquei pensando também em que medida isto também não deveria envolver as próprias práticas corporais. Será que as práticas corporais também não são ações? O Ronaldo falava do vôlei e depois isto se transformou em vôlei, sobretudo, em passe ou formas de passar ... e por aí foi O funk, ou seria funkear? O balé, ou seria bailar? Dar forma é o caminho, ainda que as formas sejam muitas e múltiplas? Acionar é universalizar? Fico pensando se quando o Felipe pergunta, se aquilo que a gente fez foi dança, estamos falando de dança ou de dançar? Ou hip hoppear? Estabilizar uma forma (dança social, vôlei masculino, vôlei feminino, funk) ainda que com muitas perspectivas é

11 “o dispositivo: estratégias e relações de forças sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (FOUCAULT (1992) apud NEIRA (2018), p. 43.

12 (NEIRA, 2018, p. 97)

13 (NEIRA, 2018, p. 59)

14 (BONETTO, 2017)

15 O princípio não é fixo e inabalável, muito pelo contrário, é uma agência móvel, que varia durante a tematização. (NEIRA, 2018, p. 43)

potencializador dos significados em negociação? Ou não?

Mário: Quando o Felipe tematizou o hip hop, ele estava mobilizando as forças que produzem um hip hop em alguns lugares e não noutros, por certas pessoas e não outras, para além, obviamente, de levar para a escola uma cultura que não tem espaço na escola. O jogo de significações em que estamos imersos, no qual as práticas corporais são produção de relações desiguais de poder.

Neste momento a secretária da direção vem chamar o Marcos para assinar um documento e atender ao pequeno empresário que irá colocar o trailer na Faculdade de Educação.

Marcos: Eu preciso ir, mas vamos continuar esta conversa.

Adriana: Tchau Marcos, obrigada!!!!

Felipe: Agora a vida é outra, é só assinar papéis. Abraço Marcãôô!!!!

Adriana: Certos corpos e não outros ... Vocês não sentem falta da discussão sobre o corpo nos relatos ou mesmo no currículo cultural?

Mário: Como ausência, está muito claro em tudo que escrevemos sobre o currículo cultural. A cultura corporal é entendida como um campo de luta pelo controle do significado, expressa na intencionalidade comunicativa da gestualidade humana.¹⁶

Adriana: HUUUUUUUU, tenho dificuldades com dois elementos aqui, Mário. O primeiro é apontar o corpo como lugar de cultura como gestualidade e comunicação e o outro como significado, não estaríamos assim objetificando e instrumentalizando o corpo? Aproximarmo-nos da linguagem corporal como campo de negociação de significados culturais não retorna ao corpo como significante?

Felipe: Por isso que não me preocupo nem com o corpo, nem com o quê, nem com o porquê.

Adriana: E como é o processo de ressignificar? Ele acontece todo o tempo, mas o que é? É palpável? É apreciável? É factível? Outro dia numa conversa com o Flávio falávamos sobre isto. Ele dizia que estamos ressignificando todo o tempo, e eu perguntei, mas como? Por colagem de novos significados? Ressignificar é ato e processo? É movente e move? Dançar em muitas intensidades, velocidades, graus, excitabilidades é ressignificar?

Mário: A conversa está boa, mas preciso ir.

Felipe: Agora que está esquentando, ele sai. Nem acredito.

Adriana acena para o Mário de que já se encontra de pé, apertando a mão do Felipe.

Felipe: Então Dri, acho que agora já temos elementos para o nosso texto. Mas como vamos mover as discussões no dia?

Adriana: Ai Fê, acho que isto ficará para outra conversa.

Felipe olha fixamente, ajeita os óculos e acena com a cabeça afirmativamente. Nós dois levantamos e seguimos conversando sobre as propostas para o dia 12 de julho, às 18h30. “Como”

manter a discussão ... Despedimo-nos perto do carro do Felipe.

REFERÊNCIAS:

BONETTO, Pedro Xavier Russo. **A escrita-curriculo da perspectiva cultural da Educação Física:** por que fazemos o que fazemos? Texto não publicado. 2017. Disponível em http://www.gpef.fe.usp.br/teses/bonetto_03.pdf. Acesso em 23/03/2017.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física Cultural:** inspiração e prática pedagógica. Jundiaí, SP: Paco, 2018.

NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Educação Física na área de linguagens e códigos.** In: NEIRA, Marcos Garcia; NEIRA, Mário Luiz Ferrari. (Org.) Educação Física cultural: escritas sobre a prática. Curitiba: CRV, 2016.